

A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da Terapia dos Esquemas

The permanence of women in abusive relationships in the light of Schema Therapy

La permanencia de las mujeres en relaciones abusivas a la luz de la Terapia de Esquemas

Recebido: 03/11/2022 | Revisado: 22/11/2022 | Aceitado: 24/11/2022 | Publicado: 01/12/2022

Samira Cavalcante Monteiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9699-0835>
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
E-mail: samira14queiroz@gmail.com

Raphaella Stephannie Rosa Magalhães

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1273-790X>
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
E-mail: raphaella98@gmail.com

Regina Lígia Wanderlei de Azevedo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9461-7137>
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
E-mail: regina.azevedo@gmail.com

Resumo

Os estudos de gênero no Brasil, principalmente no que diz respeito a violência, são dedicados em sua maior parte para examinar as etiologias da violência doméstica sobretudo a partir da agressão física, bem como os seus efeitos. Nessa perspectiva, este estudo dedica-se a discorrer não apenas sobre os danos físicos, mas principalmente as motivações que levam as mulheres a permanecerem em relações abusivas, o seu conhecimento acerca do que é um relacionamento abusivo, além de compreender os malefícios que a violência psicológica traz a saúde mental das mulheres. A amostra coletada foi constituída por 5 participantes, composta integralmente por mulheres, a partir disso, foram realizadas entrevistas semi estruturadas a qual se deu por meio do Google Meet. Os critérios de inclusão considerados foram ser mulher, estar em um relacionamento estável há pelo menos um ano, possuir 18 anos acima, ter assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (na modalidade virtual), bem como aceitar participar do estudo.

Palavras-chave: Relacionamentos abusivos; Violência doméstica; Terapia dos esquemas.

Abstract

Gender studies in Brazil, especially with regard to violence, are dedicated for the most part to examining the etiologies of domestic violence, especially from physical aggression, as well as its effects. In this perspective, this study is dedicated to discussing not only physical damage, but mainly the motivations that lead women to remain in abusive relationships, their knowledge about what an abusive relationship is, in addition to understanding the harm that violence causes. psychological health brings women's mental health. The collected sample consisted of 5 participants, composed entirely of women, from which semi-structured interviews were carried out through Google Meet. The inclusion criteria considered were being a woman, being in a stable relationship for at least one year, being 18 years of age or older, having signed the Free and Informed Consent Form (in the virtual modality), as well as accepting to participate in the study.

Keywords: Abusive relationships; Domestic violence; Schema therapy.

Resumen

Los estudios de género en Brasil, especialmente en lo que se refiere a la violencia, se dedican en su mayor parte a examinar las etiologías de la violencia doméstica, especialmente a partir de la agresión física, así como sus efectos. En esta perspectiva, este estudio está dedicado a discutir no solo el daño físico, sino principalmente las motivaciones que llevan a las mujeres a permanecer en relaciones abusivas, su conocimiento sobre lo que es una relación abusiva, además de comprender el daño que la violencia trae a la salud psicológica. salud mental de la mujer. La muestra recolectada estuvo conformada por 5 participantes, compuesta en su totalidad por mujeres, a partir de las cuales se realizaron entrevistas semiestructuradas a través de Google Meet. Los criterios de inclusión considerados fueron ser mujer, tener una relación estable durante al menos un año, tener 18 años o más, haber firmado el Término de Consentimiento Libre e Informado (en la modalidad virtual), así como aceptar participar en el estudio.

Palabras clave: Relaciones abusivas; Violencia doméstica; Schema therapy.

1. Introdução

Butler (2003), propõe a categoria de gênero como uma repetição estilizada, a qual se dá de forma livre devido a existência de papéis sociais estabelecidos culturalmente, os quais ditam o que é ser homem e ser mulher, em lógica binária, heteronormativa e hegemônica. Ainda, para Butler, o sexo é também uma construção social, devido o fato de ser atravessado pela cultura, portanto, para a pensadora, gênero é uma categoria política haja vista ser um conceito marcado por relações de poder, cultura e privilégios que se sustentam e são reforçado nas bases de uma sociedade heteronormativa, patriarcal e hegemônica.

Nesse sentido, Scott (1995) define que gênero pode ser compreendido a partir de um binarismo, em um lógica de submissão-dominância, os quais são alimentados pelo imaginário da sociedade, essa, que é caracterizada por ser patriarcal, marcada pelo machismo e heteronormativa.

Nessa perspectiva, para Zanello (2018) o amor para a mulher é identitário, ele é parte da constituição da identidade feminina pautado em um abandono de quem se é, além disso, as mulheres são hetero centradas, estão sempre funcionando e realizando atividades em prol do outro, no caso do parceiro. Dessa maneira, a sociedade patriarcal brasileira unifica seu poder na figura do homem, concebendo as performances de gênero a partir do sexo biológico, desconsiderando categorias sociais, raciais, econômicas, além de se pautar em relações de poder contribuindo para reforçar os estereótipos do que é ser homem e o que é ser mulher.

Aliado a isso, observa-se como a cultura é um fator preponderante no que diz respeito a construção dos *scripts* sociais, nesse sentido Teresa de Lauretis (1996) discorre sobre as Tecnologias de Gênero que implicam em elementos midiáticos que influenciam substancialmente na configuração de quem se é, bem como nos modos de agir, sendo considerado um fator pertinente para a manutenção da idealização do amor romântico, tal como, fomentador do sofrimento psíquico das mulheres o qual pode ser visto a partir das relações sociais, de gênero e da pressão sobre elas.

Comumente, os relacionamentos abusivos são pautados por meio de abusos psicológico e emocional, além do mais, eles são reafirmados através de uma cultura extremamente patriarcal, com ideias conservadores encontrados na manutenção da família nuclear, do ideal estético de “bela, recatada e do lar”, com garras fincadas no reducionismo biológico, a qual se reafirma a partir das relações de poder, principalmente através da violência.

Nessa perspectiva, a Terapia Dos Esquemas, de Jeffrey Young, busca explicar como as relações primárias formam a personalidade e a maneira que essas experiências iniciais irão afetar o desenvolvimento. Ao longo da vida, as cargas emocionais devem ser supridas e quando não há a satisfação delas, formam-se esquemas ou crenças sobre si mesmo e sobre os outros, tais crenças são denominadas de EID's, Esquemas Iniciais Desadaptativos.

Os EID's, são originários a partir dos relacionamentos primeiros durante a infância e a adolescência, tanto com a família quanto outras crianças, marcados por padrões cognitivos, emocionais e comportamentais, resistentes à alteração e que levam a interpretações seletivas (Young, et al., 2018). Além do mais, os EID's, são extremamente duradouros, mantidos através de três mecanismos básicos: padrões de vida auto derrotistas, distorções cognitivas e estilos de enfrentamento (Young, 2009). Ademais, o mesmo autor, determina a um fator genético que também contribui para o acréscimo da personalidade, o temperamento.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório e qualitativa. Inicialmente, realizou-se a aplicação de uma entrevista semi-estruturada, por meio do Google Meet. De acordo com dos Santos, et al., (2021), entende-se que a aplicação da entrevista de cunho semi-estruturada possibilita a flexibilidade do diálogo entre o entrevistador e o entrevistado, bem como, visa uma mediação para que a pessoa entrevistada possa pensar nos assuntos debatidos a partir de outras perspectivas, produzindo novos

conhecimentos sobre o tema, tal qual provocação de reflexões que auxiliam na coleta e interpretação dos dados por parte do entrevistador.

A amostra coletada foi constituída por 5 participantes, composta integralmente por mulheres. Os critérios de inclusão considerados foram ser mulher, estar em um relacionamento estável há pelo menos um ano, possuir 18 anos acima, ter assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (na modalidade virtual), bem como aceitar participar do estudo. Além disso, foram excluídas as participantes que não desejaram ou desistiram de contribuir em algum momento do estudo e que não fossem brasileiras.

A partir disso, as questões propostas buscavam investigar como foi a relação das participantes com os pais durante a infância, tal como quais são as ideias de relacionamento, o que entendem por relação abusiva e por fim como consideram seu relacionamento atual. Diante do coletado, foi realizada uma Análise Categorical Temática a qual visava reconhecer padrões nas falas das entrevistadas, os quais foram reorganizados por sessões temáticas e categorizadas, além do mais foi possível através de tal método averiguar a frequência em que esses padrões se repetiam para uma análise posterior dos Esquemas Iniciais Desadaptativos (Eids). Para mais, visando a preservação do sigilo ético, o nome das participantes da entrevista foram retirados e substituídos por pseudônimos.

3. Resultados e Discussão

A amostra coletada contou com a participação de 5 mulheres, as quais estavam inseridas nos critérios de inclusão, ter a partir de 18 anos, está em um relacionamento estável há pelo menos um ano, além disso era necessário ser brasileira e não foram contabilizadas as mulheres que desistiram durante o processo, a entrevista foi de caráter semi- estruturada a qual busca realizar um momento de conversa mais flexível e fluida, mas com perguntas elaboradas previamente.. De antemão, as entrevistadas responderam questões que tratavam da sua relação com os pais, quais os ideais de relacionamento amoroso, tal como a compreensão delas acerca do que é relacionamento abusivo, bem como elas consideram seus atuais relacionamentos.

Nesse sentido, foi observado um padrão acerca do questionamento sobre a relação durante a infância com os pais, foi relatado uma relação distante com o pai ou a mãe, ou com ambos, adiante no que diz respeito a idealização das relações íntimas foi possível observar uma repetição de um ideal pautado nos contos de fadas, na idealização do amor romântico, para mais, as entrevistadas consideraram que os rela abusivos são marcados principalmente por violência com ênfase para agressões físicas e manipulações psicológicas. Por fim, no que concerne às considerações dessas mulheres aos seus atuais relacionamentos, foi constatado que os relatos giravam em torno de respeito e aceitação.

Para mais, no tocante aos Esquemas Iniciais Desadaptativos pôde ser visto uma padronização dos esquemas de auto sacrifício, inibição emocional, privação emocional e emaranhamento a partir dos relatos das entrevistadas, mas também foi percebido a ausência de esquemas ativos em uma participante visto que não foi detectável em sua fala padrões desadaptativos.

3.1 Terapia dos Esquemas

A Terapia do Esquema surgiu como uma forma inovadora e integrativa, concebida por Jeffrey Young (1990-1999), a proposta da TE visa trazer uma perspectiva ampla acerca das Terapias Cognitivo- Comportamental (TCC). Nesse sentido, a Terapia do Esquema é fundamentada para além da Cognitivo- Comportamental, entrecruzando a Teoria do Apego, a Gestalt, a Psicanálise e as Relações objetais, sendo assim, constituindo-se como um modelo de tratamento abrangente e eficaz (Young, *et. al.*, 2008).

Nesse viés, a Terapia do Esquema foi desenvolvida visando ampliar a TCC tradicional, voltando a atenção para as origens dos problemas psicológicos a partir da infância e adolescência. De acordo com Jeffrey Young, os Esquemas Iniciais Desadaptativos (Eids) surgem como um padrão que é colocado a experiência para guiar os indivíduos, aumentar a percepção

deles tal como explicar a realidade, aliado a isso, um esquema é resultado das experiências durante a infância e adolescência marcadas por momentos nocivos podendo colaborar para o desenvolvimento de padrões emocionais e cognitivos inflexíveis. Quando adultos, os Eids são ativados - de forma inconsciente- por meio de momentos que remetem a experiências traumáticas da infância (Young, *et. al.*, 2008).

Diante disso, os Esquemas são subdivididos em Domínio Esquemático que são eles, o primeiro Domínio corresponde a Desconexão e Rejeição o qual diz respeito a incapacidade de formar vínculos seguros com outras pessoas, visto que as necessidades emocionais como amor, pertencimento, cuidado entre outras não foram atendidas, podendo resultar em uma infância traumática. O segundo Domínio Esquemático é intitulado como Autonomia e Desempenho Prejudicado, o qual discorre sobre o funcionamento independente de cada indivíduo, nessa perspectiva os pacientes com Esquemas inseridos neste domínio apresentam dificuldade em diferenciar as figuras materna e paterna das diversas situações que o mundo oferece, isso é decorrente devido a sabotagem na autoconfiança enquanto criança por parte dos pais que não estimulam os filhos a agirem de forma menos dependente, tornando-se assim adultos com dificuldades em constituir uma identidade própria (Young, 2008)

Ainda nesse sentido, o terceiro Domínio Esquemático corresponde aos Limites Prejudicados, nesse viés, os indivíduos não possuem limites internos bem definidos, colaborando para o desenvolvimento de dificuldades com relação ao respeito a terceiros, apresentado características egoístas, decorrente de uma infância com ausência de regras, com uma família excessivamente permissiva, em decorrência disso quando adultos ocorre uma incapacidade de controlar seus impulsos. Além disso, o quarto domínio Direcionamento para o Outro discorre sobre o atendimento excessivo dos sujeitos as necessidades do Outro em lugar das suas, isso correndo em função de uma infância caracterizada por uma aceitação incondicional, isto é, a criança deveria atender a requisistos para pode ser amada e aceita, quando adulto, as ações são voltadas para atender as necessidades das outras pessoas em detrimento das suas, visando evitar desaprovação e decepções. Por fim, o quinto domínio Supervigilância e Inibição é caracterizado por ocorrer omissão dos sentimentos e atitudes espontâneas, bem como um cumprimento rígido de regras, originado por uma infância rigorosa, na qual decorreu-se com base em uma privação de espontaneidade (Young, 2008).

Quanto aos estilos de enfrentamento aos Eids, são divididos em três formas: Resignação aos Esquemas, Evitação e Hipercompesação, essas maneiras surgem como uma reação, seja ela lutar, fugir ou paralisar-se, do organismo quando exposto a uma ameaça A resignação a um esquema apresenta um não evitamento dele, nem um confronto direto, sucintamente, o sujeito aceita o esquema como uma verdade, de modo a agir reforçando ele e vivenciando de maneira consciente, quando adultos. A Evitação de Esquema é utilizada quando os sujeitos tentam se organizar para evitar o contato direto com o esquema, seria uma tentativa de não ter consciência dele, para isso bloqueiam pensamentos, sentimentos e ações, quando aparecem empenham-se em repelir. Por último, a Hipercompesação de Esquemas apresenta como característica principal o enfrentamento do esquema em decorrência de evitar a semelhança com a criança que o esquema foi desenvolvido, uma luta a qual pode ser considerada "saudável" desde que os comportamentos sejam adequados para com a situação, todavia tal ação pode resultar em atitudes pouco sensíveis e produtivas (Young, 2008).

Nessa perspectiva, as relações íntimas funcionam como um sistema que reforça o esquema um do outro, devido ao fato de cada sujeito possuir suas crenças que servem de guia para as ações dentro da relação (De Oliveira; Bergamini, 2018). Aliado a isso, as crenças (esquemas) podem fazer com que dentro de um relacionamento possa haver conflitos que colaborem para a perpetração dos Eids, gerando possíveis cenários de violência e hostilidade (De Oliveira; Bergamini, 2018).

3.2 Relacionamentos Abusivos

Pouco é discutido acerca do que é uma relação abusiva, bem como seus efeitos e as implicações que atravessam a permanência das mulheres em situações como essa, os relacionamentos abusivos são marcados por agressões psicológicas e emocionais, nesse sentido há uma dificuldade em reconhecer quando se está inserida em uma devido a ausência, inicialmente,

de abusos físicos. Além do mais, essas relações possuem padrões que caracterizam um relacionamento destrutivo, como repreensão, controle, persuasão, chantagem emocional, tratamento de silêncio entre outros, bem como atinge a vida da mulher em diversas esferas, tanto de cunho pessoal quanto profissional.

Diante disso, os abusos psicológicos sofridos dentro de uma relação íntima incluem comportamentos que visem intimidar, aterrorizar, manipular, humilhar, culpar e machucar alguém (Neal, 2018). Nessa perspectiva, observa-se que esses abusos, inicialmente sutis, evidencia uma relação de poder entre o abusador e a parceira, aliado a isso, a instituição do sistema patriarcal é entendida como um meio de dominação, onde o homem detém do poder sobre o restante. A ação desse poder se dar através do machismo, caracterizado como um sistema opressor de dominação que utiliza do argumento do sexo, dividido em polos, expressa-se por meio de opiniões e atitudes que recusam a igualdade entre os gêneros, feminino e masculino, de modo a reconhecer a sua superioridade, favorecendo a figura do homem (Drumont, 1980, apud Siqueira, 2013); (Arcíniega, 2008); citado por (Siqueira, 2013); (Cortes, 2015).

Perante o exposto, observa-se que os papéis de gênero são moldados de acordo com o imaginário social, Bourdieu (2012), citado por Oliveira Silva e Laport (2019), sublinha que a ordem social exerce grande influência, de maneira que favorece a dominação do masculino sobre o feminino de todas as formas, sem precisar de justificar as ações decorrentes dessa “superioridade”. Destarte, tais atitudes dão poder para o uso da violência, a qual é utilizada como reafirmação do poder masculino. Nessa linha, as atitudes machistas fazem das relações de dominação das mulheres pelos homens algo que não deve ser passível de críticas, impossível de construir e posteriormente, destruir (Siqueira, 2013). Vivenciar uma relação abusiva pode prejudicar a saúde integral de uma mulher, visto que a violência psicológica acarreta em perdas significativas, como danos à autoestima, autoconfiança, bem como o desenvolvimento de depressão, estresse pós- traumático, ansiedade, podendo levar ao suicídio, além de contribuir e ser a porta de entrada para demais violências, como agressão física, sexual entre outras (De Oliveira; Bergamini 2018).

Devido a esse panorama, torna-se difícil reconhecer a situação em que se encontra como algo problemático, de acordo com Neal (2018) isso ocorre porque muitas mulheres se recusam a terminarem o relacionamento por medo de retaliações, seja por parte do parceiro ou da sociedade, além de implicar também fatores socioeconômicos. Além do mais, para Zanello (2018) o amor para as mulheres é uma forma de constituir a identidade, sendo parte delas, e quando ocorre a separação pode vir a suceder uma despersonalização, sendo assim, as mulheres casam-se com seus casamentos, sustando-os e permanecendo independentemente das circunstâncias. Para as mulheres, torna-se mais fácil lidar com o desamor do parceiro, do que não ter ninguém (Zanello, 2018). Ademais, a permanência da mulher em uma relação destrutiva vai para além de questões de cunho psicológico e cultural, permeia caminhos econômicos, falta de uma rede de apoio, insuficiência do Sistema Judiciário, bem como políticas públicas pouco eficazes.

Ainda nesse sentido, Zanello (2022) assenta que as mulheres se sujeitam em uma "prateleira do amor”, essa que é demasiadamente atravessada por questões estéticas, raciais e por o etarismo,, aliado a isso elas se colocam em posição de serem escolhidas fazendo com que permaneçam em relações destrutivas não pelo sentimento que sentem pelo parceiro mas sim por não desejarem ficarem sozinhas, se sentirem escolhidas e por conseguinte validadas por estarem em uma relação. Além disso, romper uma relação, seja ela violenta, implica em uma despersonalização, um não atendimento do desejo do outro, em não ser escolhida dentro da prateleira (Zanello, 2022) , ainda conforme Neves e Pumariega.(2020), é percebido uma distorção de vítimas vítimas de relacionamentos abusivos no que diz respeito a percepção delas do que é ser mulher que buscam uma intensa aceitação, mulheres essas que buscam justificativas em falhas nas atividades cotidianas para explicar as agressões sofridas.

Devido ao aparato social que o abusador possui, por ser uma sociedade patriarcal, os abusos psicológicos de um relacionamento abusivo ganham validação, conseqüentemente são naturalizados e reforçados. Nessa perspectiva, Ferreira, de Oliveira e Moreira (2021) destacam que o conceito de uma relação abusiva está ligado a aspectos além de psicológicos, a

características emocionais e patrimoniais, além do mais, o agressor usa da distorção da realidade através de mecanismos como ameaças, ghosting, gaslighting, bem como se firmando dos sentimentos de culpa e medo (Ferreira, et al., 2021). Assim sendo, por consequência da socialização, as mulheres aprendem que para serem completas precisam ser escolhidas por um homem, independente das características dele, buscando sempre atender as necessidades do outro em prol da sua, tal qual seguir a ideia de “bela, recatada e do lar”(Zanello, 2022).

Além do supracitado, observa-se também a influência da religiosidade na permanência da mulher em um relacionamento abusivo, conforme Neves e Pumariega. (2020) o poder religioso faz com que muitas vítimas alimentem o pensamento que o “amor tudo crer e tudo suporta”, validando a violência sofrida, o que vai em consonância com o pensamento de Silva (2021), o qual é visto como a sociedade continua a reforçar os “papéis sociais” que cada sujeito deve seguir, atribuindo a figura feminina as características de dócil, cuidadora, maternal e submissa ao seu marido e filhos, além disso, o gênero é atrelado a questões socioculturais que (re)força a posição binarista que é imposta.

3.3 Esquemas Iniciais Desadaptativos e Relacionamentos Abusivos

De acordo com Jeffrey Young (2008), cada sujeito possui necessidades emocionais que devem ser supridas durante a infância, o não atendimento de tais produz os EIDs (esquemas iniciais desadaptativos). Considerando a permanência das mulheres em relações abusivas e a associação aos EIDs pode-se observar um padrão acerca do questionamento sobre a relação durante a infância com os pais, foi relatado uma relação distante com o pai ou a mãe, ou com ambos, adiante no que diz respeito a idealização das relações íntimas foi possível observar uma repetição de um ideal pautado nos contos de fadas, na idealização do amor romântico, para mais, as entrevistadas consideraram que os relacionamentos abusivos são marcados principalmente por violência com ênfase para agressões físicas e manipulações psicológicas. Por fim, no que concerne às considerações dessas mulheres aos seus atuais relacionamentos, foi constatado que os relatos giravam em torno de respeito e aceitação.

Para mais, no tocante aos Esquemas Iniciais Desadaptativos pôde ser visto uma padronização dos esquemas de auto sacrifício, inibição emocional, privação emocional e emaranhamento a partir dos relatos das entrevistadas, mas também foi percebido a ausência de esquemas ativos em uma participante visto que não foi detectável em sua fala padrões desadaptativos. Nesse sentido, Paim, et al., (2012) destacaram os mesmos esquemas aqui citados, o que corrobora com a ideia de que os EIDs podem contribuir para a violência conjugal, visto que a partir de vivências traumáticas durante a infância existe uma propensão a reforçar os esquemas dentro do relacionamento (Young *et al.* (2008) citado por Paim, et al., (2012).

Em comunhão com o pensamento de Magalhães, et al., (2022) foi possível observar a recorrência dos esquemas aqui supracitados, bem como a percepção de que o ciclo da violência tem início durante as experiências da infância. Nessa perspectiva, Paim e Falke (2016) concebem que a partir de uma relação entre pais e filhos de segurança, não violenta e com direcionamento para resolução de conflitos colabora para uma seguridade da criança fora do âmbito familiar, proporcionando comportamentos adaptativos, bem como, decisões assertivas. Ainda nesse sentido, as autoras propõem que o inverso pode ocorrer, em um ambiente familiar conflituoso pode levar aos filhos a não desenvolverem a competência de resolverem conflitos, quando não expostos a violência dentro da relação com os genitores existe a possibilidade de não terem relacionamentos abusivos Milletich et al., 2010; Pournaghash-Tehrani e Feizabadi, 2009; Santos e Costa, 2004; Renner e Slack, 2006; Simons e outros, 2012 *apud* Paim e Falcke (2016).

Nessa perspectiva, as relações íntimas funcionam como um sistema que reforça o esquema um do outro, devido ao fato de cada sujeito possui suas crenças que servem de guia para as ações dentro da relação (De Oliveira; Bergamini, 2018). Aliado a isso, as crenças (esquemas) podem fazer com que dentro de um relacionamento possa haver conflitos que colaborem para a perpetração dos Eids, gerando possíveis cenários de violência e hostilidade (De Oliveira; Bergamini, 2018).

4. Conclusão

Portanto, nesse panorama, da violência contra a mulher, ela desconsidera as formas de ataque a sua integridade física e mental, visando reforçar o esquema, bem como, sentimentos que já lhe são conhecidos, de maneira que interpreta de forma seletiva. Além do mais, percebe-se que a possibilidade de se estar vivendo um relacionamento abusivo por vezes pode passar de forma despercebida, tendo em vista que há uma dificuldade em reconhecer os tipos de violência, tal como uma possível negação da situação e de se colocar no lugar de vítima. O contexto social na qual vivemos reforça esse tipo de machismo e das várias formas de violência que uma mulher pode enfrentar.

Pode-se dizer que nenhuma limitação foi encontrada para a aplicação dos instrumentos de coleta de dados, bem como para análise e interpretação dos mesmos. Ademais, é possível afirmar que os relacionamentos abusivos, principalmente no que diz respeito a violência psicológica, são subjugados e seus danos invisibilizados quando não negados, tendo em vista que a violência doméstica é uma questão de saúde pública novas pesquisas, como esta, e intervenções devem vir a serem realizadas visando trazer maior evidência para o assunto e gerar um debate social importante, de tal maneira encorajar novas políticas públicas que objetivem mitigar situações de abuso contra à mulher. Pois através de estudos que possam evidenciar e esclarecer a realidade e as variáveis envolvidas nos risco de se encontrar em um ciclo de violência, de uma forma mais aprofundada, podemos desenvolver uma sociedade mais segura e consciente para as mulheres.

Referências

- Algarves, C. P. (2018). Esquemas iniciais desadaptativos de mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo. *Monografia de Especialização*. UFMA. <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/2331>
- Baldissera, D., Paim, K., Predebon, B. M., & Feix, L. da F. (2021). Contribuições da Terapia do Esquema em relacionamentos conjugais abusivos: uma revisão narrativa. *PSI UNISC*, 5(1), 51-67. <https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/15386>
- Butler, J. (2003). Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade; Trad. *Renato Aguiar*, 8. <https://www.amazon.com.br/Problemas-g%C3%AAnero-Feminismo-subvers%C3%A3o-identidade/dp/8520006116>
- de Oliveira, A. M., & Bergamini, G. B. (2018). Esquemas desadaptativos de mulheres em relacionamentos abusivos: uma discussão teórica. *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente*, 9(2), 796-802. <https://revista.faema.edu.br/index.php/Revista-FAEMA/article/view/637>
- de Fraga Medeiros, A., & de Freitas, Â. M. (2021). Perspectiva da Terapia do Esquema nas relações conjugais: Uma revisão narrativa. *Diaphora*, 10(3), 67-73. <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/309>
- dos Santos, A. F., de Jesus, G. G., & Battisti, I. K. (2021). Entrevista semi-estruturada: considerações sobre esse instrumento na produção de dados em pesquisas com abordagem qualitativa. *Salão do Conhecimento*, 7(7).
- Ferreira, G. C., Oliveira, M. L. S. D., & Moreira, T. V. E. (2021). Características de mulheres no relacionamento abusivo.
- Siqueira, V. (2013). Machismo, o que é? Webside *Colunas tortas*. <https://colunastortas.com.br/machismo-o-que-e/>
- Magalhães, R. S. R., Monteiro, S. C., de Azevedo, R. L. W., & Ferreira, E. H. M. (2022). Relacionamentos abusivos à luz da terapia dos esquemas: uma revisão sistemática. *Research, Society and Development*, 11(14). Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/36131/30352>
- Neal, A. (2018). *Relações destrutivas: Se ele é tão bom assim, por que me sinto tão mal?*. Editora Gente Liv e Edit Ltd. https://books.google.com/books/about/Rela%C3%A7%C3%B5es_destrutivas.html?id=GFVQDwAAQBAJ
- Neves, L. R. D. S., & Pumariega, Y. N. (2020). Fatores que influenciam a manutenção do relacionamento abusivo: A terapia de esquemas como uma proposta de intervenção.
- Paim, K., Madalena, M., & Falcke, D. (2012). Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*. 8(1), 31-9. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872012000100005
- Paim, K., & Falcke, D. (2016). Perfil discriminante de sujeitos com histórico de violência conjugal: O papel dos Esquemas Iniciais Desadaptativos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(2), 112-129.
- Rodrigues, C. (2005). Butler e a desconstrução do gênero. <https://www.scielo.br/j/ref/a/c9SgKfQhGsFfZZqkGqBLqQh/?lang=pt>
- Scott, J. (2021). Gênero: uma categoria útil de análise histórica in: Educação & Realidade, 20(2), Porto Alegre. jul./dez. 1995. *SEGATO, Rita Laura. A Natureza do Gênero na Psicanálise e na Antropologia*, 146, 71-99.
- Silva, F. V. C. (2021). "Bela recatada e do lar": identidades e representações sociais de mulheres no discurso midiático.

De Lauretis, T. (1996). La tecnología del género. *revista Mora*, 2, 6-34.

Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Editora Appris. <https://www.amazon.com.br/Sa%C3%BAde-mental-g%C3%AAnero-dispositivos-subjetiva%C3%A7%C3%A3o/dp/8547310282>

Zanello, V. (2022). *A prateleira do amor sobre mulheres, homens e relações*. Editora Appris. <https://www.amazon.com.br/Prateleira-Amor-Mulheres-Homens-Rela%C3%A7%C3%B5es/dp/6525033721>

Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2009). *Terapia do esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Artmed Editora. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Terapia-Esquema-T%C3%A9cnicas-Cognitivo-Comportamentais-Inovadoras/dp/8536314966>